

# O USO DO TEXTO COMO UNIDADE DE ENSINO: UM ESTUDO DE CASO EM ESCOLA NO MUNICÍPIO DE SÃO CARLOS

Alberto N. Senapeschi<sup>1</sup>  
Mirela Z. Francisco<sup>2</sup>  
Nancy B. Almas de Jesus<sup>2</sup>  
Rosemary A. T. Morata Caon<sup>2</sup>

## RESUMO

Os índices de repetência e de evasão escolar no Brasil resultam principalmente da dificuldade que a escola tem em ensinar a ler e a escrever. Estas evidências do fracasso escolar apontam para a necessidade de reestruturação do ensino da Língua Portuguesa, com o objetivo de encontrar formas que garantam, de fato, a aprendizagem da leitura e da escrita e atendam a uma nova realidade social, que coloca novas demandas e necessidades aos indivíduos, tornando anacrônicos os métodos e conceitos tradicionais. Para tanto, realizou-se na EMEI Carmelita Rocha Ramalho, durante o ano de 2001, uma pesquisa envolvendo professores que optaram pela alfabetização através da silabação e professores que preferiram utilizar o texto como unidade de ensino. Foram selecionadas crianças com 6 anos completos e que se encontravam na fase pré-silábica de alfabetização. Como instrumentos de coleta de dados foram utilizados entrevistas com os professores, observações das práticas pedagógicas em salas de aula e aplicações de atividades junto aos alunos, para a análise do desenvolvimento do processo de linguagem dos mesmos. Pela análise dos dados, conclui-se que os alunos que são alfabetizados através de textos, desenvolvem com maior eficiência as competências para conquistarem o uso desejável e eficaz da linguagem. Acredita-se que este estudo deva ter continuidade, devido à relevância do tema e a riqueza dos dados coletados.

**PALAVRAS-CHAVE:** Texto. Leitura. Unidade de Ensino. Estudo de caso. Alfabetização.

---

<sup>1</sup> Doutor em Ciências. Professor e Coordenador do Centro de Extensão e Pós-Graduação da UNICEP/ASSER.  
E-mail: posgraduacao@asser.com.br

<sup>2</sup> Alunas do Curso de Pedagogia da UNICEP. Professoras da Rede Municipal de Ensino em São Carlos/SP.

## 1. INTRODUÇÃO

O interesse dos pesquisadores da área de educação pelo uso de metodologias qualitativas vem crescendo cada vez mais. Em particular, o **estudo de caso** tem mostrado grande potencial em educação, devendo o mesmo ser sempre bem delimitado, com contornos claramente definidos, destacando-se por se constituir numa medida dentro de um sistema mais amplo.

O presente trabalho, desenvolvido em uma Escola Municipal de Educação Infantil, localizada no centro de um dos principais bairros da cidade de São Carlos-SP, procurou relatar o estudo de uma experiência desenvolvida, construída durante o processo de estudo, materializando-se realmente num estudo de caso – em três fases, sendo uma primeira exploratória, a segunda mais sistemática em termos de coleta de dados e a terceira consistindo na análise e interpretação sistemática dos mesmos.

## 2. A ABORDAGEM TEÓRICA E O PROBLEMA EM ESTUDO

O índice de repetência e de evasão no Brasil, um dos mais altos do mundo, resulta principalmente das dificuldades que a escola tem em ensinar a ler e a escrever.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais – Língua Portuguesa (PCN), o fracasso escolar se expressa com clareza nos dois funis em que se concentra a maior parte da repetência: na primeira série, pela dificuldade de alfabetizar, e na quinta, por não se conseguir levar os alunos ao uso apropriado de padrões da linguagem escrita, condição primordial para que continuem a progredir até, pelo menos, o fim da oitava série.

Ensinar as crianças a ler, a escrever e a se expressar de maneira competente na Língua Portuguesa é o grande desafio dos professores, uma vez que a nova realidade social colocou novas demandas e necessidades, tornando anacrônicos os métodos e conteúdos tradicionais que acabam dificultando o processo de aprendizagem da linguagem.

Evidentemente, é possível aprender a ler e a escrever com as tradicionais cartilhas que usam o método da silabação; entretanto, atualmente percebe-se que tal processo de ensino é desnecessário e conduz a dificuldades futuras no uso apropriado da Língua Portuguesa. Um dos objetivos centrais abordado na presente pesquisa foi o de verificar se o

uso do texto como unidade de ensino, já no início da alfabetização, facilita o processo de aquisição de competências necessárias para o domínio da linguagem.

Para o trabalho, realizado durante o ano de 2001, utilizou-se da técnica da **pesquisa-participativa**, tendo como local para o desenvolvimento do mesmo, a Escola Municipal de Educação Infantil “Carmelita Rocha Ramalho”, localizada no centro de um dos principais bairros da cidade de São Carlos – SP, a Vila Prado.

Buscou-se investigar e encontrar indicativos de quais alunos desenvolvem com maior eficiência as competências para conquistarem o uso desejável e eficaz da linguagem: os que são alfabetizados através de textos ou os que são alfabetizados através da silabação?

Desde o início da década de 80, o ensino de Língua Portuguesa na escola tem sido o centro da discussão acerca da necessidade de melhorar a qualidade da educação no País. No ensino fundamental, o eixo da discussão no que se refere ao fracasso escolar, tem sido a questão da leitura e da escrita.

Entre os alunos universitários, a dificuldade está na compreensão dos textos propostos para leitura e na organização de idéias por escrito de forma legível. Tal situação levou as universidades a optar por questões dissertativas substituindo os testes de múltipla escolha dos vestibulares, como também aumentar o peso da prova de redação, tornando-a praticamente eliminatória.

Essas evidências do fracasso escolar apontam a necessidade de reestruturação do ensino da Língua Portuguesa, com o objetivo de encontrar formas de garantir, de fato, a aprendizagem da leitura e da escrita. Nos últimos dez anos, tem-se buscado uma revisão das práticas tradicionais de alfabetização inicial e de ensino da Língua Portuguesa. A produção científica na área tornou possível repensar sobre as questões envolvidas no ensino e na aprendizagem da língua.

Hoje, sabe-se que a alfabetização não é um processo baseado em perceber e memorizar e, para aprender a ler e a escrever, o aluno precisa construir um conhecimento de natureza conceitual: ele precisa compreender não só o que a escrita representa, mas também de que forma ela representa graficamente a linguagem.

Porém, não são os avanços do conhecimento científico, por si mesmos, que produzem mudanças no ensino. As transformações educacionais, que raramente acontecem, decorrem primeiramente nas mudanças das finalidades da educação, isto é, acontecem

quando a escola precisa responder às novas exigências da sociedade. Em segundo lugar, na transformação do perfil social e cultural dos alunos.

A democratização do ensino tem garantido o acesso, mas não o sucesso dos filhos do analfabetismo na escola, e isso acentuou a necessidade de um ensino mais eficaz. O domínio da língua tem estreita relação com a possibilidade de plena participação social e assim, cabe à escola buscar meios que facilitem e garantam a todos os alunos o acesso aos saberes linguísticos, sem os quais não conseguirão exercer a cidadania.

Atualmente, exigem-se níveis de leitura e escrita bem diferentes e superiores aos exigidos pela sociedade até bem pouco tempo atrás e, essa exigência tende a crescer. Para a escola, como espaço institucional de acesso ao conhecimento, a necessidade de atender essa demanda, implica uma revisão das práticas de ensino que tratam a língua como algo sem vida e os textos como conjunto de regras a serem aprendidas, bem como a constituição de práticas que possibilitem ao aluno aprender a partir da diversidade de textos que circulam socialmente.

A prática pedagógica de alfabetização com textos não é algo familiar à grande parte dos formadores e dos alfabetizadores. A isso, soma-se o fato de que quanto mais novas e/ou diferentes são as propostas sugeridas a quaisquer profissionais, maior a possibilidade de haver distorção no entendimento de como podem ou devem ser implementadas, o que exige muita discussão, tanto prévia como posterior, sobre os procedimentos utilizados.

O entendimento de que é preciso difundir práticas que possam ajudar os alunos a aprender mais e melhor, especialmente no início do processo de alfabetização, quando o fracasso nas aprendizagens é ainda muito grande, motivou-nos para que o presente trabalho fosse desenvolvido. Para conhecer a atuação pedagógica nas classes de alfabetização e investigar se as mesmas estão favorecendo o desenvolvimento das competências necessárias para que os alunos dominem a linguagem de maneira eficaz, foram estabelecidos alguns requisitos:

- a) conhecer os motivos que levaram os professores a optar por um dos métodos: a alfabetização através da silabação ou a alfabetização através do texto como unidade de ensino;
- b) identificar as dificuldades encontradas pelos professores na aplicação do método escolhido;
- c) verificar qual dos métodos utilizados desperta maior interesse e participação dos alunos;

- d) observar qual dos métodos facilita o enriquecimento do repertório lingüístico do aluno;  
e, e)  
e) diagnosticar se as práticas pedagógicas aplicadas estão favorecendo o desenvolvimento pleno das quatro competências de linguagem: ouvir, falar, ler e escrever.

Para tanto foram propostas as seguintes questões:

- Quais os motivos que levaram os professores à escolha de cada método?
- Quais as dificuldades encontradas pelos professores na aplicação do método escolhido?
- Qual dos métodos facilita o enriquecimento do repertório lingüístico do aluno?
- Como as práticas pedagógicas aplicadas contribuem para o desenvolvimento pleno das quatro competências da linguagem?

Sabe-se que o domínio da língua é fator essencial para a plena participação social, uma vez que é através dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, enfim, produz conhecimento.

Cabe à escola a função e a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes lingüísticos necessários para o exercício da cidadania. Cada aluno deve tornar-se capaz de interpretar diferentes textos que circulam socialmente, de assumir a palavra e, como cidadão, produzir textos eficazes nas mais variadas situações.

Já se passaram duas décadas desde a publicação do livro de Emília Ferreiro e Ana Teberosky<sup>3</sup>, que documenta uma investigação que tornou possível, pela primeira vez, a descrição do processo de aquisição da língua escrita. As idéias expressas neste livro marcaram uma revolução conceitual, permitindo mudanças na reflexão e na prática escolar do ensino da língua.

Se, antes, toda a discussão sobre a alfabetização estava centrada na avaliação de métodos de ensino, agora, com a psicogênese da língua escrita, a questão central da alfabetização passou para a aprendizagem. O interesse é como se aprende e não como se ensina. Também ficou demonstrado que, para aprender a ler, não eram necessários pré-requisitos ou um conjunto de habilidades perceptuais conhecidas como “prontidão para a alfabetização”. Emília Ferreiro e Ana Teberosky demonstraram que a questão crucial da alfabetização inicial é de natureza conceitual, ou seja, a criança faz hipóteses sobre a escrita

---

<sup>3</sup> FERREIRO, E. & TEBEROSKY, A. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

que existe em seu meio social e com o qual toma contato através da sua participação em atos que envolvem o ler ou o escrever em práticas sociais mediadas pela escrita.

Entretanto, o ensino da Língua Portuguesa tem sido marcado por uma seqüenciação de conteúdos que ensina a juntar sílabas ou letras para formar palavras, a juntar palavras para formar frases e a juntar frases para formar textos.

Esta é a concepção de linguagem presente nas cartilhas, cuja adoção ainda persiste em muitas escolas. Nelas, cada lição trata apenas de uma unidade silábica. Os conteúdos das lições são organizados de forma hierárquica, do mais fácil ao mais difícil. No final, aparece um resumo onde o alfabeto pode estar ou não presente. A cartilha acaba num texto, considerado teste final de leitura e modelo de escrita para introduzir o aluno na próxima etapa, que é o uso de textos que o aluno deverá saber escrever e ler por conta própria.

Observa-se que os métodos sintéticos de alfabetização, por terem como ponto de partida as unidades da língua, desprovidas de sentido intrínseco: sons, letras e sílabas, priorizam a técnica sobre a compreensão. Em seus procedimentos de ensino provocam, geralmente, uma regressão da criança ao estágio do balbucio, há muito superado por ela, no plano da linguagem oral: “da – de – di – do – du , dada, didi...”

A ausência de significado passa a exigir, então, o uso de estratégias artificiais, com ilustrações ou associações: letras com olhos, boca, “fa” de faca, “da” do dado, “chapeuzinho do vovô” para o acento circunflexo e inúmeras outras.

Bruno Bettelheim<sup>4</sup>, ao apresentar um estudo sobre a questão afetiva, motivacional, do processo de alfabetização, destaca que:

a “leitura, neste caso, se traduz como um gesto vazio, sem nenhuma relevância para a criança. Com o passar dos anos, pode ir se afastando cada vez mais dos livros, visto que a leitura nada lhes comunicava e tudo o que o professor se preocupava era que não se cometesse nenhum erro de decodificação”.

Existem muitas falhas nesse método tão mecanicista, entre os quais, os mais sérios são: a limitação do vocabulário, palavras ou sílabas que se repetem em lições sucessivas para uma clientela que já fala por volta de quatro mil vocábulos, quando as cartilhas, em

---

<sup>4</sup> BETTELHEIM, Bruno & ZELAN, Karen. **Psicanálise da alfabetização**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

sua maioria, apresentam vocabulário de aproximadamente duzentas palavras. Outros problemas são: a alienação em face da realidade da criança; a pobreza lingüística gerando a falta de organização lógica das idéias; a ausência de desafios à inteligência infantil, de estímulos à curiosidade, à criatividade; e, o fato de serem pobres em emoções e vazias de vida.

Segundo L. C. Cagliari<sup>5</sup>, a maneira como as cartilhas lidam com a fala e a escrita confunde as crianças, da mesma forma que o modo superficial com o qual trata a linguagem, faz com que os alunos passem a fazer apenas um uso superficial da fala e da escrita nas suas atividades escolares futuras.

O autor também ressalta que, na vida real, as pessoas não pronunciam palavras isoladas. Ao falar, sua intenção é transmitir uma informação, o que é feito através de um texto. Palavras isoladas só são ditas em circunstâncias especiais, num contexto específico, quando, por exemplo, alguém responde apenas “sim” ou “não” a uma pergunta. Esse tipo de resposta faz parte de um texto maior, que motivou a resposta. As pessoas falam o que precisam, organizando o conteúdo e o estilo do texto de acordo com sua vontade.

Da mesma forma, as crianças, ao entrarem na escola, já lidam muito bem com a linguagem. Para elas, a linguagem é um texto que se diz ou que se ouve, que pode ser dito por uma pessoa ou ter a participação de várias pessoas. Somente depois de muitos anos de estudo é que se consegue pensar a linguagem como sendo composta de unidades bem delimitadas e com valores bem definidos.

Isso tudo mostra que, para uma criança que entra na escola para se alfabetizar, é muito mais natural e fácil lidar com textos do que com palavras isoladas, sílabas ou outros segmentos. O mundo da linguagem é o mundo dos textos e é por isso que o professor deve tentar, principalmente no início da alfabetização, utilizar o texto como unidade de ensino.

O presente trabalho de pesquisa desenvolveu-se junto à EMEI Carmelita Rocha Ramalho, localizada na região central da Vila Prado, na cidade de São Carlos. Foram entrevistados cinquenta por cento dos professores responsáveis por classes de Pré-Escola e selecionados dez por cento dos alunos que já haviam completado seis anos e freqüentado a referida escola no ano anterior.

---

<sup>5</sup> CAGLIARI, L.C. **Alfabetização sem o Ba-Be-Bi-Bo-Bu**. São Paulo: Scipione, 1999.

Quanto à metodologia, numa primeira fase, realizou-se uma pesquisa bibliográfica referente ao tema do projeto e, em seguida, foram analisadas as práticas e os métodos aplicados em sala de aula. Em seguida, coletaram-se dados baseados em entrevistas com professores, observações das práticas pedagógicas e aplicações de atividades junto aos alunos, para análise do desenvolvimento do processo de linguagem dos mesmos.

As entrevistas e observações foram rigorosamente registradas em caderno de pesquisa de campo e analisadas juntamente com as atividades aplicadas aos alunos para a conclusão do trabalho. Na análise e interpretação dos dados, consideraram-se os aspectos qualitativos, enfatizando as questões metodológicas e práticas de salas de aula.

### **3. O DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO**

Para o trabalho em questão, foram necessárias informações relativas às práticas pedagógicas adotadas pelos professores para a alfabetização, bem como a análise das produções dos alunos, a fim de se conhecer o processo de evolução da escrita e da leitura dos mesmos.

Os professores foram entrevistados no início do ano, com o objetivo de se conhecer qual o método utilizado por eles para alfabetizar, seus conhecimentos teóricos e práticos a respeito dos dois métodos: o sintético de alfabetização (silabação) e o do texto, como unidade de ensino, suas dificuldades na aplicação do método escolhido e também as dificuldades encontradas pelos alunos durante o processo de alfabetização.

O roteiro das questões formuladas aos professores incluía, entre outras: O que você entende por alfabetização? Que método você usa para alfabetizar: o da silabação ou o do texto como unidade de ensino? Por que escolheu esse método? Quais as vantagens desse método? Quais as dificuldades encontradas na sua aplicação? Quais as dificuldades encontradas pelos alunos durante o processo de alfabetização?

A partir dos dados coletados, constatou-se que, do total dos professores entrevistados, 50% adotam o método da silabação apoiando-se nas tradicionais cartilhas e 50% optam pelo uso do texto como unidade de ensino, recorrendo a músicas, parlendas, rótulos, palavras cruzadas, receitas, etc, para alfabetizar.

Os primeiros conhecem superficialmente a proposta do uso do texto como unidade de ensino e preferem utilizar-se do método tradicional por acreditarem que é a melhor forma de alfabetizar e porque têm mais experiência e segurança na aplicação dessa metodologia.

Observou-se também que os mesmos têm uma postura mais tradicional no trato com os alunos, exigindo maior disciplina e pouca participação da classe, que segue passo a passo as determinações dos professores com receio de cometer erros.

Já os segundos optaram pela utilização do texto para pôr em prática os novos conhecimentos adquiridos em cursos de alfabetização, mais precisamente os denominados "Parâmetros em Ação", que forneceram subsídios para a aplicação do referido método e também se dispuseram a aceitar esse desafio para testar a eficácia da alfabetização, através dos textos.

Constatou-se um grande envolvimento desses professores com os alunos, que participaram ativamente das atividades propostas, arriscaram suas hipóteses sem medo de errar e, dessa forma, foram construindo seus conhecimentos.

Para conhecer o processo de evolução dos alunos em relação à escrita e à leitura, foram usados os procedimentos denominados de avaliação diagnóstica, estratégia de antecipação e checagem, poesia ilustrada e produção de textos.

Então, selecionou-se entre os alunos uma amostra constituída por crianças, que na época já tinham seis anos completos e que, também, já haviam freqüentado a referida escola no ano anterior. Elas foram submetidas, já no início de fevereiro de 2001, a uma sondagem diagnóstica de seus conhecimentos, fator fundamental e indispensável para entender como elas elaboravam hipóteses a respeito da escrita e da leitura. Para tanto, pediu-se para que as crianças desenhassem livremente e em seguida escrevessem os nomes dos respectivos desenhos, da maneira que soubessem (avaliação diagnóstica).

Observou-se, pela análise das produções, que tanto as crianças que freqüentavam as salas cujo método adotado era o silábico, e que a partir desse momento serão designadas

por “Grupo A”, como as que seriam alfabetizadas através do texto e que constituirão o “Grupo B”, encontravam-se no nível pré-silábico<sup>6</sup>.

No período de abril a agosto de 2001, foram realizadas observações em salas de aulas, dos Grupos A e B, para se analisar não só a prática pedagógica utilizada pelos professores, como também a participação, o interesse e os avanços dos alunos.

Estes realizaram uma atividade cujos objetivos eram observar como estabeleciam correspondência entre as partes oral e as partes do escrito, como “ler” antes de saber ler convencionalmente e como utilizavam as estratégias de antecipação e checagem.

Sendo assim, os alunos envolvidos realizaram as seguintes tarefas: cantaram várias vezes a música “O Pato” de Vinícius e Toquinho; posteriormente acompanharam com o dedo a letra da música; em seguida, deveriam circular a última palavra cantada, sob o comando da pesquisadora que batia uma palma para sinalizar o momento adequado; finalizando a atividade, foi pedido às crianças que montassem a primeira estrofe da música utilizando as tiras que haviam sido previamente distribuídas pela pesquisadora (estratégia de antecipação e checagem).

A análise mostrou que os alunos do Grupo A sentiram muita insegurança na realização da atividade, alguns chegaram a chorar por não saber fazer. Uma das professoras demonstrou grande preocupação com a disciplina, com os possíveis erros cometidos, e interferiu, alegando que a atividade proposta era muito avançada para o atual estágio de aprendizagem de seus alunos.

Já as crianças pertencentes ao Grupo B, mostraram-se menos apreensivas e realizaram as tarefas propostas com maior desenvoltura, sem se preocupar muito com os erros e vibrando com os acertos.

Após a análise dos fatos ocorridos, decidiu-se que as próximas atividades seriam realizadas só com as crianças, sem a presença das professoras das salas, evitando-se assim, possíveis constrangimentos e interferências. Também seriam realizadas dinâmicas para descontrair as crianças antes de se iniciar o trabalho e usando um tempo pré-estabelecido e igual para todos os alunos envolvidos.

Observou-se que dessa forma, houve sensível melhora no desenvolvimento das tarefas propostas e o tempo de trinta minutos foi suficiente e adequado.

---

<sup>6</sup> Nível em que a criança utiliza as letras convencionais ou outros símbolos quaisquer para escrever o que deseja.

Em maio, os alunos trabalharam com poesia ilustrada: ouviram atentamente a leitura da poesia, leram com a ajuda da pesquisadora e, em seguida, substituíram os desenhos encontrados no meio dos versos da poesia, pelas palavras correspondentes aos mesmos (poesia ilustrada).

Novamente os alunos do Grupo A, demonstraram ter um vocabulário restrito, na medida em que apenas copiavam aleatoriamente qualquer palavra da poesia para substituir o desenho, enquanto que os alunos que já estavam mais acostumados a trabalhar com textos (Grupo B), apresentavam vocabulário mais amplo e criatividade na execução da tarefa.

Nos meses de junho e agosto, testou-se a leitura, a escrita, a interpretação, a formação de frases e a produção de textos, utilizando-se de gravuras em seqüências (produção de textos).

A maioria dos alunos do Grupo A não conseguiu ler com desenvoltura. Eles apenas soletravam sem conseguir juntar as letras e formar palavras. Esses alunos encontraram dificuldades na interpretação de textos, só conseguiram formar frases com ajuda da pesquisadora e na produção de textos escreveram coisas sem sentido, demonstrando pobreza de vocabulário bem como falta de organização lógica das idéias e criatividade. Confirmou-se na prática, a teoria de Bruno Bettelheim.

Neste Grupo, uma minoria evoluiu para o estágio silábico<sup>7</sup>, enquanto a maioria permaneceu no pré-silábico. Já a maioria das crianças do Grupo B leu com desenvoltura, interpretou textos com facilidade e respondeu prontamente às questões propostas. Elas apresentaram criatividade para formar frases, demonstrando possuírem repertório lingüístico mais rico, saindo-se muito bem na produção de textos, relacionando as figuras e até mesmo criando títulos para as histórias que foram escritas.

O desempenho eficiente destes alunos diante das situações propostas, mostrou a eficácia do uso de textos na alfabetização.

Observou-se em tais alunos a evolução do estágio pré-silábico para o alfabético<sup>8</sup>, assim como maior interesse e participação na realização das atividades.

Desta forma, foi possível verificar que as práticas pedagógicas utilizadas e também as relações de afetividade entre professor e aluno, facilitaram muito o desenvolvimento das

---

<sup>7</sup> Nessa fase a criança trabalha com a hipótese de que a escrita representa partes sonoras da fala, e cada letra representa uma sílaba.

quatro competências: ouvir, falar, ler e escrever, tão necessárias para dominar a linguagem de maneira eficaz.

Através da troca de experiências, da formulação de hipóteses sobre as linguagens escrita e falada, a criança vai construindo seu conhecimento, sem medo de errar, vai adquirindo confiança em si mesma e, assim, vai se preparando melhor para enfrentar os desafios e exercer plenamente a cidadania.

#### **4. CONCLUSÕES**

O desenvolvimento do trabalho de pesquisa iniciou-se com uma fase exploratória, com algumas questões que foram sendo explicitadas. Depois, buscou-se de forma mais sistemática a coleta de dados, para encerrar com a análise e interpretação sistemática dos mesmos, que permitisse concluir pela validade do uso do texto como unidade de ensino. A fundamentação teórica, presente desde o início do projeto, foi decisiva para que se pudesse desenvolver o trabalho prático em sala de aula.

Através deste trabalho, pode-se concluir que os alunos que são alfabetizados através de textos, desenvolvem com maior eficiência as competências para conquistarem o uso desejável e eficaz da linguagem.

Entretanto, é preciso ressaltar que as práticas pedagógicas do professor, bem como sua compreensão do desenvolvimento infantil e as relações de afetividade entre professor e aluno, são essenciais para que a criança se sinta apoiada e consiga aprimorar seu aprendizado. O transporte para a prática dos referenciais teóricos existentes, sobre o uso do texto como unidade de ensino, é um dos principais problemas enfrentados pelos professores.

O grande desafio é reconhecer a dificuldade, questionar e “quebrar” as práticas tradicionais, incorporando no trabalho diário a nova metodologia.

O presente trabalho é um exemplo de que o texto, como unidade de ensino, é uma modalidade capaz de reformular as práticas utilizadas, desde muito tempo. No transcorrer do mesmo, restou evidenciado que as crianças alfabetizadas através do texto tornaram-se

---

<sup>8</sup> Fase final da evolução da criança. Ela venceu a barreira do código, senso capaz de fazer uma análise sonora dos fonemas das palavras que escreve, mas nem todas as dificuldades foram vencidas.

mais seguras, menos tensas, mais participativas e interessadas e criativas, com vocabulário mais amplo e, principalmente, lendo e interpretando textos com mais facilidade.

O trabalho desenvolvido, e relatado nesse projeto, procurou revelar uma experiência que pode ser aplicada em outras salas. Acredita-se que este estudo deva ter continuidade, devido à relevância do tema e a riqueza dos dados coletados.

## **BIBLIOGRAFIA**

BETTELHEIM, Bruno; ZELAN, Karen. **Psicanálise da Alfabetização**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

BORGES, M. Teresa Machado. **A criança em idade pré-escolar**. Série Educação. São Paulo: Ática, 1994.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e Lingüística**. São Paulo: Scipione, 1990.

\_\_\_\_\_. **Alfabetização Sem O Bá-Bé-Bi-Bó-Bu**. São Paulo: Scipione, 1999.

CARVALHO, Marlene. **Guia prático do alfabetizador**. São Paulo: Ática, 1994.

FERREIRO, E. **Os filhos do analfabetismo: proposta para a alfabetização escolar na América Latina**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

\_\_\_\_\_. **Com todas as letras**. São Paulo: Cortez, 1993.

\_\_\_\_\_. **Reflexões sobre a alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1985.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A.; PALÁCIO, M.G. **Os processos de leitura e escrita: novas perspectivas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

LIMA, Branca Alves. **Caminho suave: alfabetização pela imagem**. 14. ed. renovada e ampliada. São Paulo: Caminho Suave, 1991.

\_\_\_\_\_. **Manual do professor para a cartilha Caminho Suave**, 2. ed. São Paulo: Caminho Suave, 1977.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. **Língua Portuguesa: ensino de 1ª à 4ª série**. Brasília: Secretaria da Educação, 1997.

TEBEROSKY, A. **Psicopedagogia da linguagem escrita**. Campinas: Editora Trajetória/Unicamp, 1990.

WEISZ, T. **Por trás das letras**. São Paulo: FDE, 1992.

\_\_\_\_\_. **As contribuições da psicogênese da língua escrita e algumas reflexões sobre a prática educativa de alfabetização**. In: S.P. (Estado), Secretaria da Educação, CENP. Ciclo Básico em jornada única: uma nova concepção de trabalho pedagógico. S.P.: FDE, 1988.